

MEMÓRIA E IDENTIDADE A PARTIR DAS NARRATIVAS ORAIS SOBRE O BLOCO BURLESCO BRUXA DA VÁRZEA

AMANDA RIBEIRO CORRÊA¹; CARLA RODRIGUES GASTAUD²

¹UFPEL – *ademaracuja@gmail.com*

²UFPEL – *crgastaud@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, que tem como objeto de estudo a Associação Esportiva Recreativa e Cultural - Bloco Burlesco Bruxa da Várzea. Esta pesquisa parte da consideração de que as manifestações relativas ao carnaval e à expressividade de uma cultura tradicional representam bens culturais de natureza imaterial, em acordo com a ampliação do conceito de patrimônio cultural discutido desde a Constituição de 1988. De maneira prática e com o objetivo de instrumentalizar o reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial, através do Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000, foi instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e a criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Ainda neste sentido, no mesmo ano, o Iphan consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (IPHAN, 2012).

O patrimônio imaterial caracteriza-se pela “natureza processual e dinâmica, tais como as formas de expressão, e os modos de criar, fazer e viver” (IPHAN, 2012, p.19). Nesta categoria “estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas, etc” (GONÇALVES, 2009, p. 28). E sobre estes bens são enfatizados os aspectos intangíveis, ideais e valorativos em relação ao povo que os produz e suas formas de vida. Desta forma, ao invés de lhes propor o tombamento visando a sua preservação, o que tradicionalmente incide sobre os bens materiais, nestes casos “a proposta existe no sentido de registrar essas práticas e representações e acompanhá-las para verificar sua permanência e suas transformações” (Ibidem).

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa consiste em registrar a história do Bloco Burlesco Bruxa da Várzea a partir das narrativas de seus próprios integrantes. Para além disso, objetiva-se analisar as suas características tradicionais-populares na época de sua fundação e as transformações pelas quais o bloco passou durante a sua trajetória; e ainda, investigar o que as memórias do bloco manifestam sobre a identidade local.

O Bloco Burlesco Bruxa da Várzea foi fundado no ano de 1962, na esquina das Ruas Gomes Carneiro com Garibaldi, na região do Porto de Pelotas. De acordo com seu estatuto, na “conhecida esquina do Pecado”. Seus fundadores integrantes da primeira presidência já são todos falecidos. O Bloco da Bruxa é atualmente, entre os burlescos, o segundo mais antigo em atividade na cidade, depois do Bloco Tesouras da Tiradentes e seguido pelo Bloco Bafo da Onça. Estes três blocos tiveram sua formação entre os anos 60-70 e continuam atuantes no carnaval pelotense, com poucas interrupções.

Entre os seus elementos característicos, o Bloco apresenta uma boneca de Bruxa, a exemplo dos Bonecos Gigantes, que é conduzida por um dos seus foliões. A primeira boneca da Bruxa foi criada em 1964 e é um dos ícones tradicionais do carnaval da cidade de Pelotas, e de acordo com o Griô Mestre

Batista (em entrevista concedida ao livro/documentário O Grande Tambor, 2010, p.26) é o único boneco ainda existente, dentre tantos que se tinha, que representa os antigos carnavais.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste numa abordagem de cunho qualitativo, pautada no enfoque da história oral. De acordo com Freitas (2006, p.18), “história oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. A autora aponta que esta metodologia “possibilita reflexões sobre o registro dos fatos na voz dos próprios protagonistas” (Idem, p. 15). Diferente da história escrita que foi predominantemente elaborada pelas classes dominantes, esta metodologia pretende “resgatar a palavra de indivíduos que, sem a mediação do pesquisador, não deixariam nenhum testemunho” (Idem, p.49).

Esta metodologia possibilita a democratização do uso da palavra, oportunizando a elaboração de um discurso multivocal a partir de um trabalho relacional entre entrevistados e pesquisadores. Ao fim de uma narrativa oral desenvolvida por um entrevistado, um outro texto deve ser elaborado pelo pesquisador, buscando registrar através da escrita o conteúdo oral. Neste trabalho de transcrição nem tudo é possível de ser registrado, visto que são linguagens de natureza diversas e com suas especificidades (texto e performance). No entanto, este trabalho envolve ética e responsabilidade de conteúdo, considerando que a autoria final é coletiva e colaborativa. Para isso, os relatos após transcritos devem ser submetidos a revisão e aceite dos seus porta-vozes, para que verifiquem se se reconhecem em suas falas (PORTELLI, 2010).

As narrativas serão as fontes primárias deste trabalho que busca privilegiar diferentes histórias e experiências vivenciadas dentro de um mesmo contexto. Desta forma, as falas fornecerão a “documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também história” (FREITAS, 2006, p.46). As informações trazidas pelos entrevistados, assim como os documentos escritos e imagéticos encontrados, serão estudadas com base em teóricos que subsidiem e contribuam para a reflexão acerca dos temas que tangenciam esta pesquisa (comemorações, tradição, memória e identidade).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para além de uma opção de entretenimento, os moradores do entorno da região do bairro Porto/várzea têm no carnaval uma manifestação que compõe o ciclo de cada ano, constituinte da expressividade local. Tal forma de manifestação reforça nos moradores o sentimento de pertencimento à localidade. No entanto, a cada ano as manifestações relativas ao carnaval parecem dispersar-se um pouco mais, evidenciando as modificações pelas quais as culturas tradicionais passam, transformando-se de acordo com a sociedade e o tempo em que se inserem.

Tais manifestações que fazem parte da cultura de um povo contribuem na construção de suas identidades, pois as pessoas ao se relacionarem umas com as outras “compartilham histórias e memórias coletivas, visões de mundo e modos de organização social” (IPHAN, 2012, p.07). A cultura e a memória estabelecem uma relação de identificação entre as pessoas que partilham das mesmas vivências e experiências, caracterizando uma identidade cultural de um grupo social específico. Segundo Joel Candau (2010, p.45) “a identidade, é uma

construção social, de uma certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o Outro”.

Considerando que nos dias atuais as informações e referências são muitas e de fácil acesso, discute-se a tendência em massificar as manifestações culturais em benefício de interesses econômicos. É notável a velocidade com que circulam, aparecem e desaparecem as manifestações popularizadas como “tendências”, como por exemplo, as músicas que se tornam *hit* de um verão, ou formatos de manifestações que estão em “alta” em determinados momentos.

Em acordo com esta circulação de referências que atingem alta popularidade, e a fim de manterem-se atualizadas e atuantes, as manifestações culturais de diferentes localidades também acabam por consumi-las e reproduzi-las, dentro de seus próprios contextos. Refletem assim, a heterogeneidade que compreende uma mesma manifestação na contemporaneidade, mesmo quando considerada tradicional-popular.

Em relação a essas interações entre as diferentes culturas, Nestor Garcia Canclini (2011, p.214 - 215) apresenta a ideia de culturas híbridas, problematizada a partir da perspectiva da modernidade, considerando que “é possível construir uma nova perspectiva de análise do tradicional-popular levando em conta suas interações com a cultura de elite e com as indústrias culturais”. Contrapondo as ideias apresentadas pela Carta do Folclore Americano, que previa em 1970 a extinção das tradições devido ao progresso moderno e os meios massivos. De acordo com Canclini (ibidem), “essa expansão modernizadora não conseguiu apagar o folclore. Muitos estudos revelam que nas últimas décadas as culturas tradicionais se desenvolveram transformando-se”.

É neste sentido que o estudo das culturas tradicionais-populares “não se reduz, então, a conservar e resgatar tradições supostamente inalteradas. Trata-se de perguntar como estão se transformando, como interagem com as forças da modernidade” (Idem, p.218). Sendo assim, “nem a modernização exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais é ficar de fora da modernidade” (Idem, p.239).

4. CONCLUSÕES

A pesquisa encontra-se na fase de revisão bibliográfica e estruturação de roteiros de entrevistas. No entanto, como hipótese central pressupõe-se que as narrativas dos moradores mais antigos, referentes ao período de sua fundação (1962), representam o bloco pela tradição burlesca e pelos seus elementos tradicionais (a boneca, os instrumentos, os lugares, as personalidades marcantes). Enquanto as narrativas referentes aos períodos mais recentes serão relativas a um compartilhamento de identidade local de grupo/bairro.

Como hipóteses complementares, seguem alguns apontamentos:

1) A possível constatação de que os blocos burlescos são a categoria que mais se aproxima das manifestações antigas/tradicionais carnavalescas, visto que dentre as demais categorias que compõem o carnaval de Pelotas, a categoria dos burlescos é a que mantém a particularidade de brincadeira, espontaneidade e provocação, como o antigo *entrudo* trazido pelos portugueses.

2) A probabilidade de que as memórias “coletivas” sejam narradas de forma épica, a fim de contribuir na construção de uma história/trajetória significativa e na comprovação dos fatos elencados como representativos e compartilhados pelo grupo. De acordo com a ideia de *metamória* definida por Candau (2010), o compartilhamento memorial se dá como uma representação criada em âmbito coletivo a partir de um evento passado comum, a fim de

consolidar um discurso *metamorial* de reivindicação, fortalecendo o sentimento de pertença identitária de um grupo e a coesão social do mesmo. A ideia deste autor é elucidar que a afirmação de uma memória coletiva não quer dizer que ela realmente exista como uma lembrança exata comum a todos os membros de um grupo, mas como uma representação criada por este grupo.

3) A verificação de que algumas personalidades marcantes serão consideradas representativas não só do bloco, mas do bairro. As histórias de vida e da cultura local convergem nos diferentes discursos.

4) As atividades e formas de expressão do bloco se transformam de acordo com as referências globalizadas de carnaval, seguindo as tendências comerciais. Elsa Peralta (2006, p. 74) fala numa “articulação complexa e inédita entre processos paradoxais de homogeneização global e heterogeneização local”, visto que as referências importadas pelo fenômeno global são interpretadas e apropriadas de acordo com as características específicas das condições locais. O que se destaca é que se estruturam novas relações entre o global e o local, e a expressão das tradições não se caracteriza apenas como resquícios preservados do passado, mas como ressignificações do passado imperativas pelo presente.

Estes apontamentos preliminares foram feitos a partir de uma entrevista prévia de ambientação/sondagem, com um dos integrantes da diretoria atual do bloco e que acompanha a sua trajetória desde a infância, e dos estudos bibliográficos desenvolvidos até o momento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CANDAU, Joel. **Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade**. In: Revista Memória em Rede, Pelotas, v.1, nº 1, dez 2009/mar 2010.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O patrimônio como categoria do pensamento**. In: Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos / Regina Abreu, Mário Chagas (orgs.). 2 Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. 3. ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

PERALTA, Elsa. **Memória do mar: património marítimo e (re)imaginação identitária na construção do local**. In: PERALTA, Elsa; ANICO, Marta. (orgs.). Patrimónios e Identidades: ficções contemporâneas. Oeiras: Celta Editora, 2006.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral. **Ensaio de história**. 2010.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13, 2010.

TÜRCK, Gustavo; VALENTIM, Sergio (org.). **O grande tambor: entrevistas dos Mestres Griôs**. Porto Alegre: Catarse, 2010.